A CPLP E OS CENTROS DE PODER

Ao ler as notícias que estão a ser publicadas sobre as alterações aos protocolos (regras de funcionamento e baseadas na etiqueta) e as implicações que lhe estão subjacentes fazem me reflectir e não posso deixar de achar interessante falar um pouco sobre isso, nomeadamente naquilo que é o nosso trabalho dentro das Artes Marciais e no âmbito da cultura japonesa.

A história, tem sido desde sempre uma ferramenta de poder e de manipulação de forças em conflito, de gestão de centros de tensão, ou de grupos de poder formal e informal e por isso ela deve ser sempre vista como uma ciência de gestão, mais do que um registo cronológico e rigoroso, de acontecimentos. Poderá haver elementos de alguma historicidade na documentação dos factos mas mais importante do que aquilo que está escrito é o que devemos ser capazes de ler nas entrelinhas. Uma visão crítica e pessoal da história é tudo aquilo que nos resta, mesmo relativamente a coisas simples, pois as perspectivas sobre cada assunto acabarão por dar panoramas pessoais que vão levar a interpretações muito pessoais.

Perante o que disse poderão alguns perguntar se vale a pena registar seja o que for. Obviamente que sim pois tem de haver pontos de referência e aceitar que há origens mais isentas, mesmo influenciadas, e outras menos. A capacidade de ter uma visão crítica baseada em métodos de quantificação e qualificação do que se analisa, ajuda a ter a capacidade de escolha, coisa que hoje uma sociedade homogeneizadora e massificadora pretendem impedir.

Todos os pontos de tensão são tão físicos como sociais e a “acupunctura” pode ser a física ou a psicológica, e há várias ferramentas que podemos usar para intervir. Estamos a falar da diplomacia, estratégia, o Heiho, e da etiqueta, que no nosso caso se designa por Reigi.

Irei dar alguns exemplos como a etiqueta e o estudo das relações de tensão, histórica e social, eram perspectivadas pelos samurais.

A etiqueta, e um ritualismo “extremo” eram a base do funcionamento das relações na época em que os samurais eram a base social do Japão. Entendamos que o código ético rígido pelo qual eles viviam, que não era necessariamente o bushido, que era uma interpretação pessoal de como deviam ver a vida e vivê-la, não necessariamente como seria a sua interacções com as restantes pessoas, obrigava-os a reacções que nós podemos ver como exageradas, violentas e violentadoras, mas não esqueçamos que as lutas constantes que os tempos de guerra impunham tornavam as tensões sociais muito grandes. A forma de diminuir essas tensões era através de um conjunto de regras sociais e etiqueta que, estabelecia em cada momento como agir e como reagir. Nada era deixado ao acaso pois qualquer acaso podia ter consequências demasiado dolorosas para as partes envolvidas. Nunca uma necessidade de transmitir uma mensagem de desagrado era feita se houvesse alguma forma ritualista de o fazer e assim, retirar tensão e a necessidade de reacção a quem era alvo desse desagrado. Darei dois exemplos.

Se eu achasse que alguém era indigno de se sentar à minha mesa, eu nunca o iria dizer pois isso poderia levar o samurai a ter de agir para defender a sua dignidade, assim iria levar-lhe o peixe no prato com a barriga do peixe virada para fora como se para fazer um sepuku. Assim a mensagem era dada e se houvesse necessidade de apresentar desculpas pelo "erro" tudo poderia ser amenizado. Outro exemplo, e tão importante na vida social que era o momento de chegar a casa e ser recebido pelo anfitrião. É costume ao chegar a casa de alguém ser convidado para admirar o Tokonoma, área de referência da casa e onde é costume estarem diversos objectos e entre eles um arranjo floral, um ikebana. As regras de elaboração do Ikebana diz que nunca se deve colocar flores com as "costas" viradas para quem observa o arranjo, tal como não devemos virar as costas a quem se nos está a dirigir. Ao colocar o arranjo com esta "indicação" estaremos a dizer "delicadamente", e sem palavras, que a pessoa não é bem vinda, ou que estamos aborrecidos com algo. Ao evitar o uso de palavras podemos criar as condições para o observador, e alvo do nosso desagrado, poder fazer-se desentendido e assim evitar a necessidade de reagir, e no entanto recebendo a nossa mensagem.

Toda a subtileza presente nestes processos é forma de passivamente agir de forma "activa" agindo nos pontos de pressão, atenuando tensões, alterando relações de "poder", resolvendo crises de uma forma pacífica e que hoje é tão pouco comum (vejamos a última escalada da guerra no Médio Oriente).

Hoje gostamos de dizer tudo o que sabemos, e que não sabemos, agindo de forma desequilibrada em questões que à partida podem ser mínimas mas que por ignorância, falta de diplomacia, incapacidade psicológica ou mesmo por falta de "chá" (um tema futuro a desenvolver), podem vir a tomarem proporções muito desagradáveis e difíceis de resolver, levando à necessidade de investir recursos que seriam mais úteis em verdadeiros problemas.

Darei um último exemplo de como era costume lidar com problemas delicados no Japão medieval e nomeadamente entre os samurais.

Quando um problema atingia uma proporção que podia ser verdadeiramente danificadora de um clã, era normal um samurai assumir-se como responsável pelo problema em lugar do verdadeiro líder do grupo a fim de evitar de gerir o problema através dos "topos" pois aí a "flexibilidade" para ceder a algumas pressões, ou cedências, era menor, pois estaria em causa a honra de todo o grupo. Esse sacrifício era normal e considerada uma grande honra para quem o tinha de fazer. Digamos que cortava-se a mão, mesmo que não tivesse sido ela a responsável, para poupar a cabeça. Não era um acto de cobardia do responsável … era um acto de gestão necessário.

O Reigi, o ritual, a etiqueta, as boas maneiras, a contenção no acto de falar e agir são base de um funcionamento institucional e pessoal adequado e construtivo. Todos os gestos contam … não só alguns.

Lisboa, 23 de Julho de 2014